

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

**ASSIGNATURA**

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
Avulso . . . . . 20  
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

**Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO**

de Viuva Lemos & Gonçalves  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

## Barbarie

O temperamento mais frio e a razão mais calma, servidos pelos centros nervosos mais hypotonisados, não podem deixar de ser abalados pelo espectáculo hediondo e deprimente, barbaro e anachronico, que nos fornece o Juizo de Instrucção Criminal. Os factos todos os dias perpetrados pelos inquisidores da nossa Bastilha são de molde a fazer mais revoltados do que todas as theorias anarchistas por mais seductoramente expostas.

Encarcerem n'uma masmorra lugubre e desconfortavel o cerebro mais optimista e a alma mais pacata, deixem-n'o dia a dia, durante tres mezes, na incerteza do seu destino, na ignorancia da causa do seu supplicio, todo entregue ao acabrunhante peso da injustiça social; no fim d'este praso gritem-lhe: *vae-te, que já cá não és preciso, estás innocente*, e vejam se, ao sair da enxovia, se não endoideceu, póde alimentar alguma parcella d'essa sublime solidariedade, que liga os homens em fraternal e reciproca protecção, ou se ha-de trazer o espirito escandecido em labaredas de revolta, saturado de odio e sedento de vingança! E quando a homens, no gozo da mais perfeita integridade moral, se offerecem, como indemnisação da cruel e iniqua tortura moral, algumas miseraveis moedas, aviltando-os até á lama?!... E o atroz sarcasmo não ha-de *ricochetar*, transformando-se... Caluda, que está alli o agente do ministerio publico!

\* \*

Em que paiz estamos? estamos no occidente da Europa ou no centro da Polynesia? n'um paiz liberal, colhendo os fructos da civilização ou sob a garra arbitraria e sanguinaria de qualquer sóba? sômos cidadãos com di-

reitos e deveres, sob a protecção das leis, ou sômos vassallos, joguetes do despotismo de qualquer *schah*? sômos responsaveis perante a Justiça ou sômos relegados á Inquisição? a tortura? S. Domingos?

O encarceramento e a incommunicabilidade d'esses cinco homens, que estiveram sequestrados durante oitenta e tantos dias, representam o regresso aos ominosos tempos de D. João III, são a negação mais completa da mais elemental garantia individual. E é isto *accalmação*? e é isto o restabelecimento da Liberdade e da Justiça? Não.

Continuamos sob a odiosa pressão das leis de excepção, a nossa liberdade permanece sob a ameaça constante da Bastilha e da lei de 13 de fevereiro; o nosso pensamento é devassado pela policia; faz-se da opinião um delicto. E não recaiam as nossas iras nos instrumentos executores, porque essas leis e esses processos existem por necessidade do regimen, que os não póde dispensar. Pois não desejaria a monarchia restabelecer a paz social, como condição unica da sua propria tranquillidade? Cremol-o sinceramente.

Se não restaura e alarga as franquias populares, se não elimina as odiosas leis de excepção, é porque sente, que o batel em que navega, se o soltarem das unicas espias, que o podem sustentar algum tempo,—a oppressão e o terror, a força da municipal e a espionagem da *bufaria*—se desconjunctará de prompto sob a impetuosidade da corrente caudalosa d'esse grande rio de Liberdade, que immanesce sobre o paiz e a Europa inteira. E assim julgamos absolutamente inutil estar a reclamar do regimen pão e instrucção, Liberdade e Justiça, Economia e Moralidade, pois é o mesmo que aconselhar o suicidio a quem quer prolongar a vida a todo o custo. Se é insensato o naufrago, que julga sal-

var-se agarrado a uma palheira, mais insano será o que esperar, que elle a largue.

E' barbaro o Juizo de Instrucção Criminal, é torpe e degradante a lei de 13 de fevereiro, mas não ha-de ser a propria monarchia, que ha-de destruir as suas amarras. Tambem nos não parece, que deva ser o paiz, que, por amor de umas instituições theoreticamente baseadas no absurdo e no privilegio e praticamente causadoras da nossa decadencia, se sujeite eternamente ao vexame!

Percamos, pois, a ingenuidade, que quasi roça pela imbecilidade, de *accalmações, vida nova, novos processos administrativos*, e quejandos *balões de oxygenio*, que o regimen moribundo já nada póde dar a não ser exhalacões deleterias, que envenenam para sempre a vida da Nação.

Philodemo.

## A OBRIGA

### PALESTRA AMENA

Em um colega local o snr. Lourenço Medeiros, pessoa urbana, dá-se de quando em quando a filosofar como Kant e a criticar como Descartes. Filosofia e critica é o em que por esta vez reparámos, atinentemente ao que sua Ex.ª, graciosamente, intitula: «A Sumula de um Discurso Republicano».

Tenha o pio leitor paciencia, e vá dois dedos do meio grosso para alijeirar os espiritos.

O filosofante, a proposito de um discurso de Brito Camacho acuzativo dos erros economicos do rejime, injenuamente vaidoso expõe que, ha os seus 39 anos, ele mesmo, dia a dia, pertnazmente os verbéras, os condensa; e não sabemos até se lhes traz mezinha, ortodocsa é claro, como compete a leal monarchico. A monarchia, remata, nada tem de responsabilidade nos erros que ahi se apontam, afirmativa gratuita pois apenas de palavras, e escassas, dispensadora por tal de critica; se nós não quizessemos, por hoje, aliviar a obriga de coiza sôrnas. Ha 39 anos, incipiente na vida, não seria extranho que, ao snr. Medeiros, se lhe concedesse a afirmativa *à priori*; 39

anos depois, não a poderia sua Ex.ª trazer a publico sem argumentos abonatorios de tino critico. Em trinta e nove anos de *permanencia* tendo, ou devendo têr, o granjeio dos resultados da observação social, não seria trabalho mentalmente notavel o concluir, racionalmente, que o factor economico encaixa nas engrenagens do correlativo politico. Sua Ex.ª o confirma, talvez contra vontade—: pois se em tamanho lapso d'anos a situação economica se conserva defeituosa e com resvalos para uma crise terrivel, de par e passo que, a politica, se nos apresenta paralelamente e converjentem-nte em igual estado, se assim é, não quer a pariedade dizer que ha dependencias, de um para o outro, nos factores que certos Bastiats, facsimile, teimam em afirmar inconcordes? Grosso modo, verificado o facto da conexão do *para peor* tanto em economia como em politica, não é difficil tirar a limpo que dos desatinos politicos se resente a balança economica; que a má administração, que o desperdicio, que o compadrio são cauza de males terriveis para a economia de um povo. Isto foi sempre logar comum, mais que provado, como está, que em toda a mecanica social nenhum organismo se encontra que não se relacione, *sincronicamente*, com outros ou similares desde logo, ou contrarios só d'exterior; converjindo todos, afins, para um decorrente ponto, como qualquer lapuz que não subordina o primeiro aspecto á sinergia final, o snr. Medeiros (exemplificamos, não ha migalha de offensa), fica-se pela *auto-movimentação*, e isso é grave para aqueles que reverenciem a superioridade mental de sua Ex.ª; facto que nunca nos demos á faina de averiguar — nem para exalçar, nem para apoucar. E d'ahi quem sabe?

O snr. Medeiros não estará, ainda, n'aquella florea idade dos ha 39 anos, por ratices da sorte tendo a iluzão objectiva de que vive agora, e é ordeiro cronista do nosso agitado tempo?! Longe de sêr caso novo, pois até certo modo é vulgar, seria o caso, de interesse para o psico-morfologista, e o snr. Medeiros far-nos-ha a justiça de não supôr que o vimos neste logar, indevidamente tratando.

A questão economica, Ex.ª Sr., prende-se intimamente á questão politica, da qual depende, e se assim não fosse quem é que justificára e como comprehendere as variadas doutrinas politico-economicas de hoje, de hontem, de todo o sempre? E como se hade dizer independente da politica a economia, se esta, desde as raizes se enlaça na vida de que nasce e que aciona,— numa interdependen-

dencia, portanto, inevitavel e inflexivel da politica: — que é a vida publica... Ah! snr. Medeiros...

Que homem espantozamente ce-go, ou incomensuravelmente distraido, é, realmente, V Ex.ª

Antonio Valente.

## ECOS DA SEMANA

### Ha cem anos

Calebrou-se, a semana finda, com um pobre e gasto reclamo o centenario da batalha do Vimieiro, jornada heroica e afortunada da guerra da independencia. Napoleão havia-nos declarado guerra, e com a Espanha talhára a divizão de Portugal; deve todavia dizer-se que essa hostilidade temivel a provocaram com uma inepcia idiota os governos portuguezes, e os nossos diplomatas.

Fizemos a offensiva na campanha do *Roussilhão*, e provocámos, por nos envolvermos em todas as conspiratas anti-francezas, as represalias que não tardaram.

Junot, á frente de um exercito de esfarrapados, invadiu Portugal pelo sul sem encontrar resistencia, que tudo se lhe submeteu — aconselhado pela côrte miseravel que fugia para o Brazil, recomendando aos leaes subditos que acolhesem os francezes com *demonstrações pacificas de amizade!* Jeneraes portuguezes como o Marquez d'Alorna e Gomes Freire ainda tentaram a resistencia: a Rejencia, porém, não lho consentiu. Abandonado Portugal pela Familia Real em muitos portuguezes d'então creou-se a aviltante ideia de proclamarem rei o intruzo,—darem a corôa a Junot! Esses portuguezes eram os que haviam sido ministros, eram os grandes capitalistas, era a nobreza, e era o alto clero tendo á frente o cardeal de Lisboa; e algumas excepções ainda se viram de oligarcas patriotas, quase nenhumas; nada, na escumalha dos turiferarios do vencedor.

O povo, a *arraia-meuda*, esse sofria em silencio, humilhado mas não subserviente. O paiz era bom, belo, pacifico, cedo os dominadores começaram os seus tradicionais abusos, provocando pelo bandoleirismo a reacção das populações.

Por sentimento de fanatismo relijozo, pelo desespero de se sentir ás escancaras expoliado, e um pouco por brio patrio, este povo, até ahi inerte, subitamente revolucionou-se fazendo a guerra de guerrilhas, sem objectivo e sem quartel, e foi esse admiravel fermento, foi essa força inapre-

ciavel o que os inglezes aproveitaram, apropriando-se mais tarde, ciosamente, dos louros e dos lucros que derivaram da lucta.

A batalha do Vimeiro foi a primeira grande victoria, era justo que a festejassemos, não com morteiros de retorica mas com protestos de vida, e é isso o que nós não vemos. Ao povo, e não á Família real, nem aos magnates, é que pertence, absoluta, a honra da defensão heroica da patria; — e o povo não entrou na comemoração que limitaram a uma parada de servilismo realengo. Abandonou-nos o rei, abandonaram-nos os ricos e poderosos, os nobres, «os que tinham que perdêr» d'aquelles tempestuosos tempos. Ficou a *arraia meunda*, a burguezia trabalhadora, e ficaram numerosos frades, e o padre humilde, e esses foram quem fez a restauração da independencia nacional. Pois, com anos volvidos, é um herdeiro da dinastia que nos atirou á guerra, um neto de D. João VI que nos abandonára na mais vexatoria fuga, — quem preside á comemoração de uma data que, para a sua familia, é, á luz da historia, data de oprobrio e condenação.

Óá ne marche pas... é o que é...

### Elucidando

Ao «Jornal de Ovar»: Os anos, a experiencia, ás vezes que grande leria... *et pour cause*; isto é: — Os anos, a experiencia, ás vezes que grande leria... porque quantas vezes, de nada prestam, aos que se gabam de os possuir. Não o entenderia o «Jornal de Ovar»? Não? Sim?... Os quiromantes o digam.

### Jornaes

Recebemos, *A Voz d'Angola*, semanario magnifico de Loanda, *A Defeza de Gaia*, e a revista *O Tripeiro*.

*A Defeza*, de que é redactor politico o publicista distinto Padua Correia, insere no numero ultimo, alem do majistral artigo de Padua, uma valioza «galéria» de Bruno; a alta e prestijozza cerebração que o paiz culto respecta.

*O Tripeiro*, alem de varia e seleta colaboração, traz de Alberto Bessa artigo sobre Garret, um *instantaneo* magnifico, e a continuação do romance de tipo local: — *A Rua Escura*.

### Liga Nacional de Instrução

Noutro logar publicamos o programa d'esta Liga que, se encontrasse, em todos os que bem o devem, o concurso que era de esperar — imenso, pela instrução, em Portugal poderia. Mas, entre nós gasta-se em toda a especie de desperdícios, e ha ofertas para todos os monos; para colectividades como esta ha em regra a bolsa vazia.

Ou isto não fosse o paiz da foliona canção:

Les Portugais  
Sont toujours gais,  
Qu'il fasse beau  
Qu'il fasse laid...

e como são sempre alegres, que se rale o tio que é velho.

Alem de que, para ser escravo, é dispensavel a instrução...

### A verdade

Ha organismos, como a salamandra, que atravessam o fogo sem se queimar, como ha labios,

que faltam á verdade e não se escaldam, e seria esta a razão, porque a nossa declaração não fulminou o *Jornal d'Ovar* se não devessemos antes explicar por uma allucinação de ouvido, transformada em verdade subjectiva, a insistencia do supracitado periodico em afirmar o que se não passou na sessão solemne da festa escolar. A irreductibilidade, em que o collega se collocou, encerrou o incidente, pois, ainda que demonstrassemos por  $a + b$ , isto é pela totalidade dos assistentes, o erro em que se labora, sempre restaria o informador da dita gazeta para obedecer á *voz interior*, que lhe segredaria o *é de pau o copo*...

A verdade está restabelecida e o publico edificado.

## ARA

### CARTA

Bons dias, meu amor. Cheguei... Melhor? Sei lá, tu é que o sabes, minha estrela. Saude? Que me importa! Só se fór a da alma: essa é contigo. Olha por ela!

Como estou triste e só! O meu amor, quanto custa a saudade! Abro a janela: arvores, luar, o Vouga corredor... Paizajem, sé bem dita... eu vou benzal-al!

Converso com o rio: Emfim! emfim! Posso falar de ti. A um e um conto-lhe os meus pezares: Longe de mim...

Que saudades terias! E ele, com seus modos de quem duvida: «hun, hun! hum, hun»...

Fecho a janela... O Vouga, és máo! Adeus.

Antonio Correa de Oliveira.

### Interesses municipaes

Continua o articulista do «Jornal d'Ovar» obsidiado pela idéa paranoica da nossa malquerença á camara e nós reconhecendo a impossibilidade de o convencer do contrario, deixamo-l'o entregue ao seu delirio.

Attribue-se tambem intuitos politicos aos nossos escriptos o que nos faz rir *porque tem graça* (!) e não invalida a nossa argumentação. E' verdade, que fazemos *politica*, mas na accepção nobre do termo, isto é, estamos, na vida local, ao lado de quem *administrar bem*. Experimente a camara, promovendo qualquer obra util e de alcance e verá como tem o nosso apoio incondicional, causando nos o duplo regosijo de vermos o progresso n'esta terra marasmada e de termos o ensejo de lhe não regatear elogios.

Quando iniciamos esta secção, pediamos, se bem nos recordamos, melhoramentos a bem da saude publ.ca, que impendia á camara promover, e por isso só a ella nos dirigimos, sendo nossa intenção appellar para *todas as auctoridades*, que por lei superintendem no assumpto, mas fomos interrompidos pelo *caso hospital cadeias*, que mereceu a nossa preferencia. D'ahi o *desvirtuar-se* a nossa intenção com a attribuição de sentimentos malevolentes, que somos incapazes de alimentar, e em que ninguem acreditará por certo apezar do insistente esforço com que se fere *aquella nota*. Tambem nenhum motivo de *ordem pessoal* será capaz de nos deter na livre critica, nem o somno de negligencia, que porventura durmam as outras auctoridades, pôde desculpar o *não te rales* da camara. Posto isto, vamos vêr se respondemos *pari passu* ao ultimo artigo do «Jornal d'Ovar».

A proposito de não sabemos que *subscrições* bordam se facecias improprias da seriedade d'esta secção, a que com a devida venia, não correspondemos.

Aproveitando-se a friesta de que nós concordamos, em que o cemiterio ainda serve por alguns annos, foge-se, abandonando o problema.

Não ignora o articulista que o cemiterio teria de ficar encerrado durante dez annos (dec. de 27 de fevereiro de 1873) ou pelo menos n'elle se não poderiam fazer excavações antes de findo aquelle prazo, o que seria uma eternidade. dada a *febre* de construcções ora existente e que *para aquelle lado* derivariam. Mas quer o nosso contendor que o cemiterio ainda sirva por cincoenta ou cem annos? facilmente lh'o concederemos, porque ainda ficam razões de sobra para se effectuar desde já a mudança, avultando entre as outras a formação de *um lindo bairro*.

Mas não se quer encarar o problema pelo lado mais fecundo. Adeante...

Os *apanhadiços* do Furadouro *quasi nada* (sic) produziram, levando-se grande opposição. O *quasi nada* vale cincoenta e dois mil réis (52\$000 réis) e a grande opposição ninguem deu por ella. *Opposição verdadeira* só conhecemos — e não veio a publico — a de meia duzia de lavradores, que estavam e estão no logradouro do que é de todos, a qual poderia acarretar a perda de *outros tantos votos*, mas não cremos, que fosse essa a razão, porque deixou de entrar no cofre aquella quantia, que o mesmo é que tiral-a de lá indevidamente.

O *apanhadiço* da villa está nas mesmas condições do do Furadouro e deveria render *muito mais*. Acabar-se-hia com o espectáculo pouco edificante, que por ahi se patenteia aos olhos do publico, e os sentimentos humanitaristas do nosso contendor poderiam ficar tranquilos ante o quadro triste dos algudares vazios de dois ou tres garotitos pobres, porque o resto dos *apanhadores* são lavradores ou creados de lavradores remedados. A arrematação das feras e caes produziu quantia insignificante. Admiramos o incoherente desdem, com que se falla n'estas *migalhas* como se mutas migalhas não fizessem um pedaço e como se o grande cavallo de batalha contra o nosso plano não fosse a falta de recursos!

E' com o maior agrado, que louvamos a camara por ter arrematado *as aguas sobejas*, se bem que estejamos na convicção de que o aforamento renderia mais e na duvida sobre se deveriam ser alienados os sobejos *dentro da villa* na hypothese de terem de ser derivados para mictorios. Como não ha bonita sem senão e nós estavamos com os olhos nos *sobejos abundantes* da mina, ousamos perguntar, porque não foram arrematados, e, se por esquecimento, rogamos que se ponham em arrematação, pois não podemos crêr que haja o proposito de os deixar continuar no logradouro particular e privado.

A cobrança *rigorosa* das multas não traria o cumprimento das posturas, porque é da condição humana transgredir, mas se tal succedesse, abençoados seriam os promotores de tal medida.

Sabiamos tambem que havia taxas lançadas para os caçadores extranhos e que se não tem co-

hido resultado pelo *desleixo* em que se os tem deixado caçar sem estar munidos da respectiva licença. Mas nós queremos taxas *mesmo* para os caçadores do concelho, porque se são *dilletanti* não farão grande sacrificio, e, se profissionaes, pagarão da industria.

Queremos além d'isso taxas sobre cães e sobre enterramentos. Julgando ter respondido ao ultimo artigo do «Jornal d'Ovar» entremos no imposto *da prestação do trabalho*.

Este imposto pôde e deve fornecer avultados rendimentos quer em trabalho remido, quer em trabalho prestado. Já a esta hora se teriam poupado centenaes de mil réis, se este imposto estivesse *regularmente* lançado. Bem sabemos, que dá trabalho e cria dificuldades o *recenseamento* para este fim, mas o trabalho só assusta a indolencia e as dificuldades incitam ao seu vencimento todos os espiritos bem formados assoberbando unicamente os animos tibios ou as intelligencias *poucadas*. Como é facultativo pagalo em trabalho ou remido e os indigentes d'elle estão isentos, é dos menos gravosos e injustos (digamos de passagem, que para nós as contribuições mais equitativas são as *directas*, isto é, de percentagem sobre as do Estado). Muito mais odioso é o do *real d'agua*, que recabe sobre *tudo o consumidor*, seja rico, remediado ou pobre e no emtanto é a principal fonte de receita da nossa camara. Não se venha tambem dizer que o rendimento da prestação do trabalho entra para o fundo de viação e em nada favoreceria os melhoramentos por nós desejados e apontados, porque tal objecção é pueril, visto que, além de varias razões obvias, ha o recurso extremo de se pedir auctorisação para applicação diferente.

O *imposto de piso* deve constituir outra fonte de receita não pequena.

Como condição para a sua cobrança eficaz e economica seria necessaria a construcção de *mercado*, que traria tambem a unica maneira de se fazer boa fiscalisação sanitaria.

Outra verba importante adviria do lançamento de taxas sobre vehiculos, incluindo n'esta categoria os *barcos*, que carregam e descarregam, acostando aos nossos caes.

E' provavel que ao *ignaro conservantismo* do nosso povo isto faça impressão e provoqe pruridos de qualquer violencia, principalmente se assoprado pelo espirito de qualquer especulação inconfessavel, mas, se todos fizerem convergir o seu esforço, não será difficil gerar o convencimento das vantagens d'ahi advenientes. Está na memoria de todos a reluctancia, com que se recebeu o estabelecimento de cemiterios, e no emtanto hoje ninguem dirá que isso não foi uma medida acertadissima e extremamente necessaria. Mas se se acha tudo isto irritante e de difficil pratica, então compenetrados das necessidades concelhias e armados da energia moral, que dá a consciencia do dever, recorramos francamente ás contribuições *directas*, pois é vergonhoso que não tenhamos as regalias já velhas em outros concelhos mais pequenos e mais pobres.

Isto é que nos parece dever chamar-se uma administração lar-

ga, que, a troco d'um pequeno sacrificio pecuniario de todos, se desentranharia em opimos fructos de bem-estar, salubridade e engrandecimento material, o que ninguem ousará negar sejam condições de sómenos valor para uma *boa economia*.

Fabio Cunctator.

## Bernardino Machado

Como prometeramos damos hoje, documentada, a justificação que, do seu exercicio como ministro, Bernardino Machado nos apresenta:

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Pedro Romano Folque.

Peço a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de me responder ás seguintes perguntas:

1.<sup>o</sup> Constou-lhe que eu, quando ministro, ordenasse a entrega á casa real dos 6 contos destinados para as obras nos paços?

2.<sup>o</sup> Fizeram-se durante a minha gerencia ministerial gastos a mais dos 6 contos com obras nos paços? Fui eu que lhe recomendei ou indiquei qualquer d'ellas?

Com a maior consideração,  
Lisboa, 6 de agosto de 1908.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
muito att. ven. e obr.  
Bernardino Machado.

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Doutor Bernardino Machado.

Vae longe a minha gerencia da direcção especial de edificios publicos e faroes para poder, de memoria, precisar detalhes; mas para investigar do sucedido devem existir archivados todos os documentos d'essa gerencia, os quaes pela sistematica ordem da sua especialisação e coordenação permitem facilmente conhecer a verdade dos factos administrativos e as despesas classificadas e descritivas. E como documento elucidativo deve tambem existir archivado um relatorio acompanhado de um mapa das obras e respectivas despesas, mais 16 quadros estatisticos de interesses tecnico e administrativo; o que tive a honra de apresentar á consideração superior.

Vou no entretanto responder aos quesitos formulados na carta de V. Ex.<sup>a</sup>, de hontem.

Ao primeiro posso seguramente dizer: *nunca me constou*.

Ao segundo posso tambem assegurar que *nunca V. Ex.<sup>a</sup> me recomendará ou indicará despesas a fazer em paços reaes*; mas não posso, sem o verificar n'aquelles archivos, dizer se durante a gerencia ministerial de V. Ex.<sup>a</sup> se fizeram por aquella direcção despesas em paços reaes acima ou abaixo de 6 contos de réis.

No caso de v. ex.<sup>a</sup> desejar dar publicidade a esta carta, que para isso fica ao seu dispôr, eu quero aproveitar este ensejo para publicamente declarar o seguinte: desde 2 de outubro de 1893 em que se iniciaram os serviços da direcção especial de edificios publicos e faroes, por v. ex.<sup>a</sup> creada e que tão infelizmente entregou á minha direcção para a organizar e gerir, até á sua extincção em 30 (?) de junho de 1897, foi tal a inolvidavel confiança com que me honraram os successivos ministros, v. ex.<sup>a</sup> e srs. Carlos Lobo d'Avila, Campos Henriques e Augusto José da Cunha, para acudir com

trabalho ás crises operarias, e tal a impreterivel necessidade de prontas resoluções para valorisar salarios, que era forçoso pagar, que a nenhum d'aquelles srs. ministros, mas a mim, como director em taes condições da gerencia, á parte as minhas ausencias, e a que devidamente cabe sempre ao pessoal subalterno, a mim, repito, cabe a responsabilidade de todos os erros, que porventura se hajam cometido então na applicação d'esses salarios; pois sempre as ordens que directamente se dignaram dar-me esses ministros visaram o interesse publico. De suas magestades nunca recebi ordem ou indicação alguma contraria ao bom senso ou que prejudicasse a utilização de salarios; e á rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia se deve moralmente a existencia em Lisboa de um Instituto Bacteriologico de importancia. Esta é a singela verdade, como inegavel é a verdade de que só os obstaculos creados não sei porquê nem para quê, contra construcções de valor, são a razão unica por que não possui hoje a capital, sem mais dispendio, e com muito melhor applicação de tantos, tantos mil salarios, os edificios que precisa, entre os quaes um palacio de justiça. E só ha a aplaudir tudo que se gastou em salvar da ruina palacios reaes de valor incontestavel. Não alongarei mais esta carta com o muito que sobre estes assumptos podia relatar.

Sou com a mais subida consideração.

De v. ex.<sup>a</sup>

mt.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup>, ven. e agr.<sup>o</sup>,

Pedro Romano Folque.

Lisboa, s/c, 6 de agosto de 1908.

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Antonio Freire Pimentel Brandão.

Tendo V. Ex.<sup>a</sup> sido o chefe da repartição de contabilidade do ministerio das obras publicas durante a minha gerencia, peço-lhe o obsequio de me dizer se alguma vez lhe dei qualquer ordem, escrita ou verbal, para serem entregues á administração da casa real, na totalidade ou por parcelas, os 6 contos de réis destinados orçamentalmente a obras nos paços.

Com a maior consideração.

Lisboa, 13 de agosto de 1908.

De V. Ex.<sup>a</sup>

muito att. ven. e obr.

Bernardino Machado.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A' presada carta em que v. ex.<sup>a</sup> faz apelo para a minha memoria afim de esclarecer se durante a gerencia de v. ex.<sup>a</sup> como ministro das obras publicas eu recebi de v. ex.<sup>a</sup> ordem verbal ou escrita para serem entregues á administração da casa real, na totalidade ou por parcelas, os 6 contos destinados no orçamento para obras em paços reaes, sou a dizer que nenhuma reminiscencia conservo de tal facto, isto é, não tenho a menor ideia de qualquer autorisação no sentido por v. ex.<sup>a</sup> indicado.

Lisboa, 13-8-908.

De v. ex.<sup>a</sup> cr.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup> ven. e obr.<sup>o</sup>

A. M. F. P. Brandão.

## Liga Nacional de Instrucção

Plano geral da Liga

I.—Esta Liga compõe-se de todos os individuos de ambos os sexos, que independentemente das ideas politicas e religiosas de cada um e sem d'ellas terem de abdicar, desejem promover a instrucção em Portugal, de modo a acabar com o analfabetismo aviltante que nos degrada, a elevar o ensino nacional em todos os ramos, e a crear uma verdadeira educação civica e social.

II.—Os fins d'esta Liga são:

1.<sup>o</sup>—Fazer o cadastro do analfabetismo por localidades, concelhos e districtos, servindo-se para esse fim de nucleos concelhios e districtaes, tratando de averiguar:

a) O numero de creanças em idade escolar que não vão á escola; b) —quaes os motivos d'essa ausencia; c) —qual o proveito ou deficiencia das escolas existentes; d) —quaes os motivos d'esses resultados; e) —Se ha necessidade de novas escolas; f) —quaes os meios concernentes á sua criação; g) —qual o estado dos adultos das localidades, com respeito ao analfabetismo; h) —quaes os meios existentes para o debelar, seus resultados e processos que se possam empregar para obter esse desideratum; i) quaes as especies de escolas que se devem crear ou formentar nas diversas localidades e qual o espirito pedagogico que deve predominar em cada uma: agricola, industrial, profissional, commercial, maritimo, colonial, etc.

2.<sup>o</sup>—Promover, segundo as necessidades locais, subsidio de roupa e alimento ás creanças pobres, para que possam frequentar a escola com proveito.

3.<sup>o</sup>—Providenciar de maneira que se obtenha bom professorado primario, masculino e feminino, para as escolas fundadas ou auxiadas pela Liga, com conhecimentos de utilidade pratica e de trabalhos manuaes que estão hoje em uso nas escolas primarias de todas as nações adeantadas, e que são o meio seguro de educar um povo trabalhador, economico, consciente e livre.

4.<sup>o</sup>—Crear escolas primarias modelos, para os dois sexos: umas para pensionistas de familias abastadas, e outras gratuitas para filhos de gente pobre, a quem se deve ministrar ensino pratico e adequado ás diversas condições da vida real.

5.<sup>o</sup>—Estabelecer collegios modelos de instrucção secundaria, masculinos e muito principalmente femininos, para pensionistas, segundo o systema suizo e d'outras nações cultas e educadoras, onde, a par de diversos conhecimentos literarios, scientificos e artisticos, se ensinem os trabalhos domesticos, noções commerciaes, e elementos de hygiene e medicina caseira.

6.<sup>o</sup>—Crear estabelecimentos de artes e officios, de ensino gratuito, para a mocidade pobre, masculina e feminina, segundo os systemas da Humanitaria de Milão e da Ons Huis (nossa casa) de Amsterdam.

7.<sup>o</sup>—Promover o desenvolvimento das chamadas Universidades Populares, formando um nucleo de conferentes que possam tratar proficua e agradavelmente, por meio de projecções luminosas, os assumptos que mais uteis

sejam ás diversas Associações populares que reclamem os ensinamentos da Liga.

8.<sup>o</sup>—Promover o desenvolvimento de Bibliothecas Populares em que abundem livros de utilidade de todos os generos, procurando mesmo, para esse effeito, a composição ou traducção de livros adoptados a esse intuito.

9.<sup>o</sup>—Promover a criação de laboratorios de demonstrações scientificas, de gabinetes de physica para estudo das varias escolas, de mostruários e museus industriaes, agricolas e coloniaes, para utilidade das classes trabalhadoras e commerciaes.

10.<sup>o</sup>—Cuidar, com desvelada atenção, do robustecimento physico da raça portugueza, já tão depauperada e abatida, creando, principalmente nas grandes cidades como Lisboa e Porto onde a degeneração mais se accentua, cantinas e gymnasios escolares, de reconhecidas condições hygienicas, oppondo assim uma solida barreira ao progressivo definhamento da nossa raça, definhamento que tem a sua origem directa, principalmente ao ar impuro e doentio que se respira nas cidades, e na alimentação deficiente e irregular de que vivem, mesmo nos campos, as nossas classes trabalhadores e productivas.

11.<sup>o</sup>—Representar perante os poderes publicos, sobre todos os pontos que a Liga entenda serem uteis ao progresso da instrucção em Portugal.

III.—Esta Liga terá a fórma federativa, compondo-se de todas as associações de instrucção já existentes que queiram adherir a este plano, e de quaesquer outras que venham a constituir-se, ou por iniciativa local ou promovidas pela Liga, nas localidades onde mais necessarias se tornem e possam ter vida.

a) —Essas associações serão como nucleos autonomos, ligados ao central de Lisboa apenas com intuito directivo e de mutuo auxilio pecuniario e pedagogico.

b) —Essas associações ou nucleos locais far-se hão representar, por delegados, nos congressos annuaes e nas reuniões maximas especiaes que a Liga determine para ordem e progresso dos seus empreendimentos.

IV.—A direcção d'esta Liga será também federativa, ficando cada nucleo local com a sua direcção.

V.—Todos os socios d'esta Liga contribuirão com uma quota mensal, trimestral, semestral ou annual, cujo minimo poderá ser de 1\$000 réis por anno.

a) —Sendo necessario, para o progredimento da Liga, a cooperação de todas as pessoas de saber de boa vontade e de dinheiro, fica entendido que esta Liga receberá como excellente contribuição, todas as indicações pedagogicas valiosas, todas as iniciativas e energias, e todos os obulos, dadas e legados que os seus socios ou pessoas estranhas, lhe queiram oferecer, ou que se obtenham por meio de espectaculos publicos e kermesses, etc.

b) —As quantias, dadas a titulo de offerta, serão gastas onde e como o doador determine, de accordo com a direcção central.

Nota:—Todas as adhesões podem ser communicadas ao thesoureiro da Liga, Sebastião e Silva—Rua dos Sapateiros (vulgo Arco Bandeira), 35 e 37—Lisboa.

## NOTICIARIO

Dia a Dia

Passar:m seus anniversarios natalicios:

No dia 21, a menina Nazareth Ferreira da Silva Carrelhas.

E no dia 23, o nosso amigo Antonio d'Araujo Sobreira.

Fazem tambem annos:

No dia 29, a pequena Wenceslina, interessante filhinha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Augusta dos Santos Oliveira.

E no dia 30, o nosso presado amigo dr. Salviano Pereira da Cunha.

As nossas felicitações.

—Regressou de Luso com sua esposa e seu filho Alvaro, o snr. Manoel Valente d'Almeida.

—Encontram-se no Furadouro com suas familias, a uso de banhos, os snrs. Antonio Dias Simões, dr. Joaquim Antonio de Seixas e dr. Eduardo Vaz.

—Das Caldas de Cucos, chegou a Esmoriz o snr. José Pinto Fernandes Romeira, considerado commerciante d'alli.

—Regressou da sua viagem commercial ao Brazil, o snr. Salvador Marques da Costa, de Cortegeça.

—Tem passado bastante incommodada de saude a menina Emilia d'Oliveira Gomes, sympathica irmã do nosso amigo e correligionario José Gomes da Silva Bonifacio.

Appetecemos-lhe rapidas melhoras.

—Em digressão de recreio, partiu ha dias com sua esposa para Paris, o snr. dr. Gonçalo Huet de Bacellar.

—Estiveram entre nós os nossos amigos Hugo e Accacio de Freitas Sucena, hospedes do nosso dilecto amigo Ernesto Zagallo de Lima.

Acompanhava-os sua mãe.

### Festividade

Na igreja parochial realisa-se, no proximo domingo, a festividade do Coração de Maria, havendo missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho, de manhã, e vespers e sermão, de tarde.

E' orador o snr. padre Antonio Borges.

### Desastre

No dia 20, na occasião em que o pequeno Joaquim, de 9 annos, filho do Sr. Joaquim d'Almeida Sá, do Salgueiral de Cima, dava de beber ao gado, recebeu uma marrada de boi no baixo ventre, rasgando-lhe com uma ponta o abdomen, por cuja abertura sahiram os intestinos.

A infeliz creança succumbiu no dia seguinte, em consequencia d'uma peritonite que lhe sobreveio.

### Arrematação

Na sala da camara, foram domingo passado arrematados os sobejos das aguas dos chafarizes publicos, sendo adjudicados os dos chafarizes da Praça e Campos ao snr. Manoel Gomes Netto, respectivamente por 160\$000 e 12\$500 réis, e os do Outeiro, ao snr. dr. Antonio d'Oliveira Descaço Coentro por 30\$000 réis.

### Em descanzo

Emudeceu tambem o relógio da igreja parochial. Ha já uns poucos de dias que está parado e

ha quem diga que assim se conservará por muito tempo.

Não acreditamos porque a junta de parochia ha-de querer saber a quantas anda.

### Inspecções

Terminaram ante-hontem as inspecções sanitarias aos mancebos recenseados n'este concelho, para o servico militar. Das restantes freguezias damos o respectivo resultado:

Esmoriz—Apurados, 16; isentos, 9.

Aptos nos termos do artigo 79 do reg. por faltarem á inspecção, 4.

S. Vicente—Apurados, 6; isentos, 2; temporizado, 1.

Aptos nos termos do art. 79 do reg., 1.

Ovar—Apurados, 46, sendo 2 condicionalmente; isentos, 46; temporizados, 3.

Aptos nos termos do art. 79 do reg., 33.

Vallega—Apurados, 3, sendo 1 condicionalmente; isentos, 14; temporizados, 6.

Aptos nos termos do art. 79 do reg., 4.

São unanimes os louvores á respectiva junta pela maneira imparcial e justa como se houve nos trabalhos d'inspecção.

### No Furadouro

Dizem que esta praia se vae animando com a chegada de banhistas. Dizem pouco.

Pois para tudo se saber é preciso que tambem se diga que as ruas e largos d'aquella formosa praia estão convertidos em estremeiras, pois por toda a parte se encontram montes de escasso exhalando putridos cheiros para mimo dos banhistas e dos visitantes.

Talvez a camara e a administração do concelho não tenham d'isto conhecimento.

Pois aqui o consignamos, na esperanza de que aquellas entidades farão d'esta feita figura, reprimindo estes abusos.

### Machinas a vapor e motores a vento

Manoel Moreira, da rua da Praça n.<sup>o</sup> 25, encarrega-se de encomendar de fabricas nacionaes e estrangeiras quaesquer machinas a vapor para fabricas, motores a vento força superior a 10 cavallos e turbinas para moinhos, garantidos, incumbindo-se ao mesmo tempo da sua montagem, installações e transmissões tudo a preços relativamente modicos.

As turbinas podem desde já ser examinadas por quem as pretender.

Egualmente se incumbem de mandar fundir qualquer obra de metal, de ferro em bruto, canalisações e de qualquer reparação em machinas e bombas.

### ANTIGA OURIVESARIA

DE

PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, proprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, palite ros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc., etc.

## ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE  
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

## GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

## MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares  
COM

ARMAZEM D'ARROZ

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e sãam cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.<sup>a</sup>

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

## HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,18
Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	—	8,11	—
Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	8,18	—
Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	—	6,9	—	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,14	—	—	—
OVAR	4,51	6,23	7,20	10,19	11,54	—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

## CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardante de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidiez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

## RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

## Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recibidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Snr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

## Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.